

# Carta Eletrônica de Conjuntura Econômica

Ano 3, Número 28, junho de 2005.

Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas - CEPE

[cepe@unisc.br](mailto:cepe@unisc.br)

## .....EDITORIAL

Agora na edição de junho estamos em meio ao momento político mais crítico desde o lançamento da Carta de Conjuntura, pois até agora as denúncias não tinham atingido tamanha repercussão. Ainda que nada seja provado - até porque o depoimento do deputado Roberto Jeferson não apresentou provas e, conforme avaliações iniciais, foi mais teatro e encenação, suscitando inclusive réplicas acusando o deputado de leviandade - fica desde já a preocupação com as repercussões para a economia.

Em economias estabilizadas, como EUA, Japão e países europeus, denúncias desta ordem pouco ou nenhum efeito surtem sobre a economia. Não fosse isto, vários deles não teriam resistido às trocas de ministros e/ou primeiros-ministros nos últimos anos - talvez a Itália seja um bom exemplo de instabilidade política nas últimas décadas. O que se vê, no entanto, é a quase completa separação da economia da discussão política cotidiana. Por aqui, este parece ser o grande teste de maturidade do país.

Até hoje, o mercado financeiro tem reagido bem - ou pouco reagido - a todas as denúncias. Os movimentos do câmbio e da bolsa de valores não tem, ao menos diretamente, relação com o que acontece em Brasília. Certamente que se isto acontecesse há alguns anos, a cotação da moeda norte-americana já teria disparado para a casa dos R\$ 3,00, pelo menos - lembram do que aconteceu durante a campanha eleitoral de 2002?

Talvez até isto seja mais um dos componentes da movimentação em Brasília. Toda CPI tem um caráter político e é inegável que as CPI's são propostas pela oposição com vistas a desacreditar o governo de plantão, normalmente "de olho" na próxima eleição. Cremos que ninguém é ingênuo de não perceber isto, pois do ponto de vista do desempenho econômico fica difícil de atacar o atual governo. Apesar da queda do dólar, as exportações continuam muito bem, garantindo saldos comerciais nunca antes alcançados. O desemprego ainda é um problema e a taxa de juros não deve cair na reunião do COPOM de hoje, mas enfim, ainda são números bons que a economia exhibe e que não eram, de forma alguma, esperados para um governo de esquerda que começou em 2003 - hoje já se diz que não é nem nunca foi de esquerda ! Aliás, a própria reunião do COPOM parece ter ficado em segundo plano nesta semana!

Este e outros assuntos são nosso tema nesta edição, cuja análise inicia com o já tradicional levantamento de preços em Santa Cruz do Sul e, sempre desejando uma boa leitura, esperamos as críticas e sugestões para nosso endereço eletrônico.

## ....:SUMÁRIO

- ◆ CESTO DE PRODUTOS BÁSICOS DE CONSUMO POPULAR EM SANTA CRUZ DO SUL 01 DE JUNHO 2005.
- ◆ CESTA BÁSICA NACIONAL EM SANTA CRUZ DO SUL, 01 DE JUNHO DE 2005.
- ◆ CORRUPÇÃO VERSUS ECONOMIA.
- ◆ PORQUE A SELIC PODE NÃO BAIXAR EM JULHO.
- ◆ CONJUNTURA ECONÔMICA DE JULHO.

## CUSTO DO CESTO DE PRODUTOS BÁSICOS DE CONSUMO POPULAR EM SANTA CRUZ DO SUL, 01 DE JUNHO DE 2005.

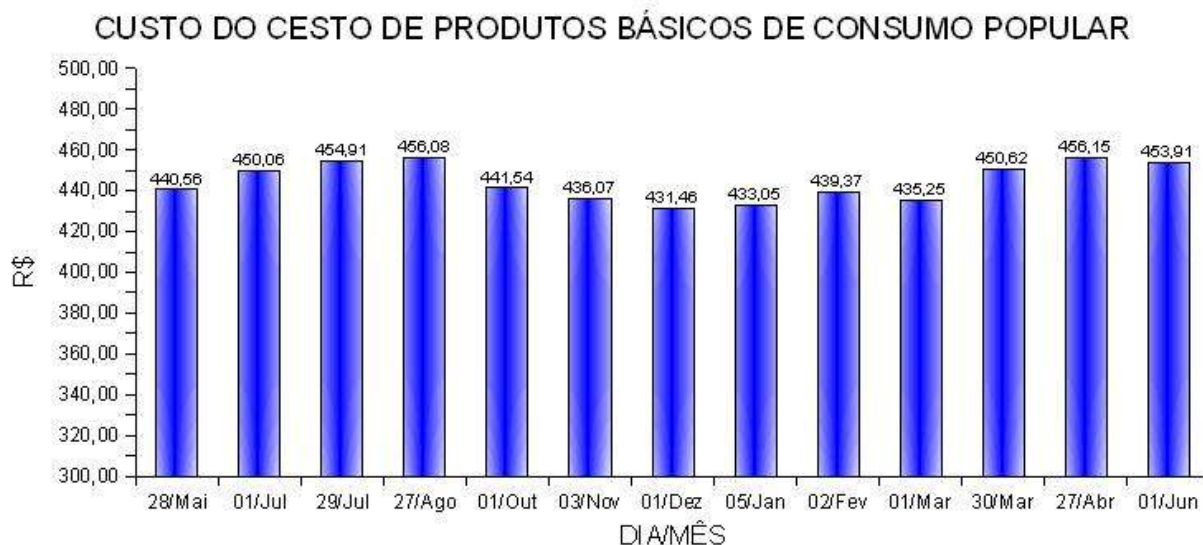
Silvio Cezar Arend [silvio@unisc.br](mailto:silvio@unisc.br)

A variação do custo do Cesto de Produtos Básicos de Consumo Popular em Santa Cruz do Sul foi de - 0,49 % no período de 27 de abril a 1º de junho de 2005, passando de R\$ 456,14 para R\$ 453,91. Por grupo de despesa, os produtos de Higiene Pessoal apresentaram elevação de 0,13 %, a Alimentação no Domicílio reduziu em 0,75 % e os produtos de Limpeza Doméstica aumentaram 0,13 %.

Dos 60 produtos pesquisados, 31 tiveram elevação de preço neste período, 25 reduziram o preço e 04 permaneceram estáveis. Invertendo a contribuição do levantamento anterior, desta vez o Pão Francês teve a maior contribuição para a redução do custo do Cesto Básico (contribuição de - 0,38 %),. Em seguida, o Leite Tipo C e a Alface (contribuição de - 0,23 % cada) foram os produtos que mais contribuíram para a redução do custo do Cesto Básico. Os produtos que mais contribuíram para segurar a redução do custo do Cesto Básico foram a Carne de Frango (contribuição de 0,20 %) e a Cebola (contribuição de 0,17 %).

Os produtos utilizados para composição do Cesto Básico referem-se a um conjunto de produtos mais consumidos, obtidos a partir da Pesquisa de Orçamentos Familiares realizada pelo Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas da UNISC junto à famílias com renda familiar inferior a 10 salários mínimos em Santa Cruz do Sul.

**Veja o resultado do Cesto de Produtos Básicos de Consumo Popular em Santa Cruz do Sul em 01 de Junho de 2005.**



## UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC

## DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

## CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ECONÔMICAS - CEPE

## CUSTO DO CESTO DE PRODUTOS BÁSICOS DE CONSUMO POPULAR

PRODUTOS	UNID. MED.	QT. MÉD.	27 de Abr de 05		1 de Jun de 05		VAR. %	CONTRI- BUIÇÃO
			PREÇO UNIT R\$	CUSTO TOTAL R\$	PREÇO UNIT R\$	CUSTO TOTAL R\$		
<b>Grupo: Higiene Pessoal</b>								
01. Absorventes	pct/10	0,72	1,9267	1,3872	2,0567	1,4808	6,7474	0,0205
02. Desodorante	90 ml	1,35	2,5414	3,4309	2,6825	3,6214	5,5509	0,0418
03. Lam. Barbear	unid	2,08	0,8675	1,8044	0,9407	1,9566	8,4342	0,0334
04. Papel Higiênico	rolo	7,74	0,4736	3,6659	0,4957	3,8366	4,6545	0,0374
05. Pasta Dental	90 g	1,44	1,6700	2,4048	1,6088	2,3166	-3,6677	-0,0193
06. Sabonete	90 g	4,24	0,7078	3,0010	0,6938	2,9415	-1,9819	-0,0130
07. Shampoo	500 ml	0,73	4,1867	3,0563	4,3683	3,1889	4,3392	0,0291
<b>Total / variação grupo:</b>				<b>18,7505</b>		<b>19,3423</b>	<b>0,1297</b>	
<b>Grupo: Alimentação no Domicílio</b>								
01. Aipim	kg	2,58	1,1567	2,9842	1,2400	3,1992	7,2046	0,0471
02. Alface	pé	3,66	1,1475	4,1999	0,8550	3,1293	-25,4902	-0,2347
03. Arroz	2 kg	4,79	3,3829	16,2039	3,2229	15,4375	-4,7297	-0,1680
04. Açúcar	2 kg	4,1	2,5080	10,2828	2,3320	9,5612	-7,0175	-0,1582
05. Banana	kg	3,19	1,5133	4,8275	1,5717	5,0136	3,8546	0,0408
06. Banha	kg	1,62	4,3633	7,0686	4,3633	7,0686	0,0000	0,0000
07. Batata Doce	kg	1,37	1,8650	2,5551	1,4675	2,0105	-21,3137	-0,1194
08. Batata Inglesa	kg	7,53	1,7143	12,9086	1,7900	13,4787	4,4167	0,1250
09. Beterraba	kg	1,53	1,8400	2,8152	1,8125	2,7731	-1,9446	-0,0092
10. Biscoitos	500 g	2,22	2,2377	4,9677	2,2590	5,0150	0,9522	0,0104
11. Café Moído	500 g	1,08	4,7314	5,1099	5,1686	5,5821	9,2391	0,1035
12. Carne Bovina	kg	8,53	5,7658	49,1826	5,7000	48,6210	-1,1418	-0,1231
13. Carne Frango	kg	5,96	3,0300	18,0588	3,1867	18,9925	5,1705	0,2047
14. Carne Suína	kg	1,98	10,5850	20,9583	10,7100	21,2058	1,1809	0,0543
15. Cebola	kg	2,33	1,0867	2,5319	1,4200	3,3086	30,6748	0,1703
16. Cenoura	kg	1,73	2,0850	3,6071	1,9625	3,3951	-5,8753	-0,0465
17. Cerveja	grf	4,29	1,5467	6,6352	1,5521	6,6587	0,3541	0,0052
18. Cigarros	maço	15,26	2,3000	35,0980	2,3000	35,0980	0,0000	0,0000
19. Erva Mate	kg	2,55	3,0817	7,8583	3,0800	7,8540	-0,0541	-0,0009
20. Ext. Tomate	370 g	1,21	1,8688	2,2612	1,7938	2,1704	-4,0134	-0,0199
21. Far. Mandioca	kg	0,34	3,2420	1,1023	3,0650	1,0421	-5,4596	-0,0132
22. Farinha Trigo	kg	7,89	1,2589	9,9326	1,2629	9,9639	0,3152	0,0069
23. Feijão Preto	kg	3,53	2,5383	8,9603	2,6300	9,2839	3,8113	0,0709
24. Fermento	100 g	2,94	4,0022	11,7665	3,9813	11,7049	-0,5240	-0,0135
25. Fósforos	pct/10	0,88	1,9400	1,7072	1,9110	1,6817	-1,4948	-0,0056
26. Gás de Bujão	13 kg	0,96	33,0000	31,6800	33,0000	31,6800	0,0000	0,0000
27. Laranja	dz	2,87	1,7357	4,9813	1,8468	5,3003	6,4039	0,0699
28. Leite Natural	l	22,8	1,4243	32,4737	1,3771	31,3989	-3,3099	-0,2356
29. Lingüiça	kg	0,68	13,9950	9,5166	14,1950	9,6526	1,4291	0,0298
30. Maizena	500 g	0,51	3,0760	1,5688	2,9950	1,5275	-2,6333	-0,0091
31. Margarina	250 g	3,66	1,2423	4,5466	1,2731	4,6594	2,4798	0,0247
32. Massas	500 g	2,83	1,9488	5,5150	2,0233	5,7260	3,8272	0,0463
33. Maçã	unid	3,7	0,4309	1,5944	0,4892	1,8099	13,5209	0,0473
34. Nata	kg	0,48	4,6286	2,2217	4,7600	2,2848	2,8395	0,0138
35. Nescäu	500 g	0,8	3,6875	2,9500	3,2863	2,6290	-10,8814	-0,0704
36. Ovos	dz	3,84	2,4140	9,2698	2,4020	9,2237	-0,4971	-0,0101
37. Pipocas	500 g	0,76	1,9333	1,4693	1,4880	1,1309	-23,0345	-0,0742
38. Pão Francês	500 g	10,67	2,3217	24,7722	2,1600	23,0472	-6,9634	-0,3782
39. Refrigerante	l	6,55	0,9254	6,0615	0,9517	6,2334	2,8366	0,0377
40. Repolho	kg	2,03	0,9350	1,8981	0,7400	1,5022	-20,8556	-0,0868
41. Sagú	500 g	0,49	3,0300	1,4847	2,8220	1,3828	-6,8647	-0,0223
42. Sal	kg	1,75	0,7763	1,3584	0,7871	1,3775	1,4033	0,0042
43. Tomate	kg	2,29	2,3429	5,3651	2,3825	5,4559	1,6921	0,0199
44. Vinagre	grf	1,39	0,9680	1,3455	0,9750	1,3553	0,7231	0,0021
45. Óleo de Soja	900 ml	3,15	2,5455	8,0182	2,4180	7,6167	-5,0071	-0,0880
<b>Total / variação grupo:</b>				<b>411,6744</b>		<b>408,2433</b>	<b>-0,7522</b>	
<b>Grupo: Limpeza Doméstica</b>								
01. Alvejantes	l	0,67	1,5700	1,0519	1,6220	1,0867	3,3121	0,0076
02. Bombril	pct/8	1,52	1,6586	2,5210	1,8817	2,8601	13,4510	0,0743
03. Cera Assoalho	450 g	0,78	8,2422	6,4289	8,6900	6,7782	5,4327	0,0766
04. Det./Desinfet.	500 ml	1,9	1,4757	2,8039	1,5021	2,8541	1,7909	0,0110
05. Esfregão Aço	unid	0,52	0,5990	0,3115	0,6092	0,3168	1,6973	0,0012
06. Sabão Barra	500 g	4,05	1,1254	4,5578	1,0837	4,3890	-3,7028	-0,0370
07. Sabão em Pó	800 g	1,08	5,7527	6,2129	5,7450	6,2046	-0,1343	-0,0018
08. Vassoura palha	unid	0,23	7,9800	1,8354	7,9800	1,8354	0,0000	0,0000
<b>Total / variação grupo:</b>				<b>25,7234</b>		<b>26,3250</b>	<b>0,1319</b>	
<b>CUSTO TOTAL</b>				<b>456,1483</b>		<b>453,9106</b>		<b>-0,4906</b>
<b>VARIAÇÃO</b>						<b>-0,4906</b>		

## **CESTA BÁSICA NACIONAL EM SANTA CRUZ DO SUL, 01 DE JUNHO DE 2005**

**Silvio Cezar Arend** [silvio@unisc.br](mailto:silvio@unisc.br)

A variação do custo da Cesta Básica Nacional em Santa Cruz do Sul foi de – 0,08 % no período de 27 de abril a 1º de junho de 2005, passando de R\$ 136,25 para R\$ 136,13.

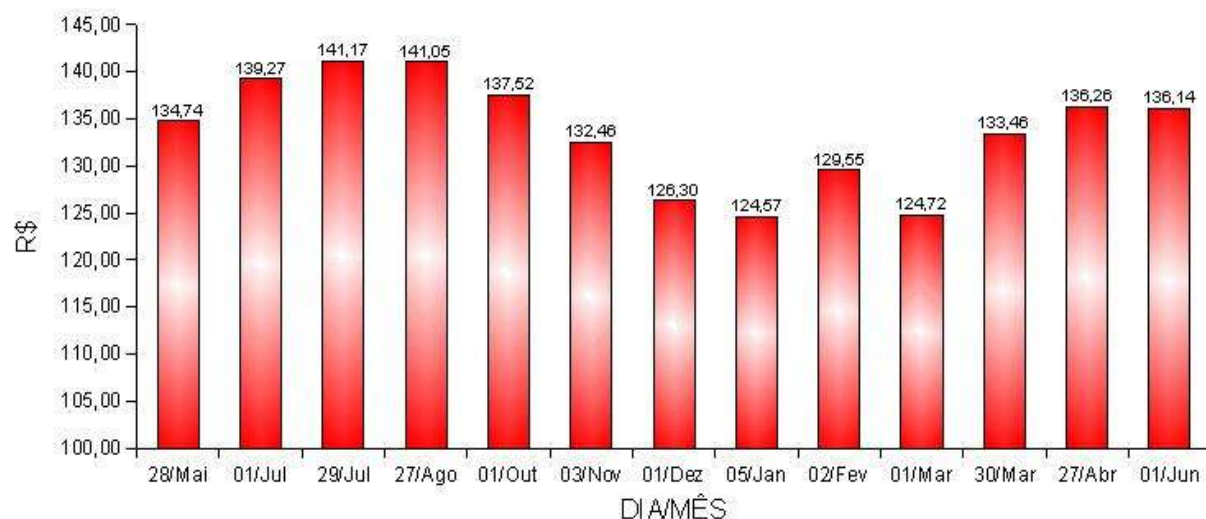
Dos 13 produtos pesquisados, 07 tiveram elevação de preço neste período, 05 apresentaram redução e 01 permaneceu estável. As maiores contribuições para esta redução do custo da Cesta Básica Nacional foram do Pão Francês (contribuição de – 0,71 %) e da Carne Bovina (com contribuição de – 0,32 %). Os produtos que mais contribuíram para segurar a redução do custo da Cesta Nacional foram o Café Moído (contribuição de 0,38 %) e a Batata Inglesa (contribuição de 0,33 %). Em Porto Alegre o mesmo conjunto de 13 produtos custa R\$ 189,12, sendo a capital com o custo mais elevado dentre as pesquisadas pelo DIEESE.

A partir deste mês, com a elevação do Salário Mínimo para R\$ 300,00, para a aquisição do conjunto de 13 produtos da Cesta Básica Nacional, um trabalhador de Santa Cruz do Sul que receba um salário mínimo mensal precisa trabalhar 99,83 horas, enquanto que no início de maio eram necessárias 115,29 horas de sua jornada mensal. Da mesma forma, a partir dos gastos com alimentação é possível estimar-se o salário mínimo necessário para o atendimento das necessidades básicas do trabalhador e de sua família. Seguindo a mesma metodologia utilizada pelo DIEESE, o valor para o mês de maio de 2005 em Santa Cruz do Sul deveria ter sido de R\$ 1.135,12 para uma família composta por dois adultos e duas crianças.

A Cesta Básica Nacional relaciona um conjunto de alimentos que seria suficiente para o sustento e bem-estar de um trabalhador adulto ao longo de um mês, tomando como base o Decreto Lei nº. 399, de 30 de abril de 1938, que regulamenta a Lei n.º 185 de 14 de janeiro de 1936 – da instituição do Salário Mínimo no Brasil. Este Decreto estabelece que o salário mínimo é a remuneração devida ao trabalhador adulto, sem distinção de sexo, por dia normal de serviço, capaz de satisfazer, em determinada época e região do país, às suas necessidades normais de alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte.

**Veja o resultado do custo da Cesta Básica Nacional em Santa Cruz do Sul,  
em 01 de Junho de 2005.**

## CUSTO DA CESTA BÁSICA NACIONAL



UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ECONÔMICAS - CEPE

### CUSTO DA CESTA BÁSICA NACIONAL

PRODUTOS	UNID. MED.	QT. MÉD.	27 de Abr de 05		1 de Jun de 05		VAR. %	CONTRI- BUIÇÃO
			PREÇO UNIT R\$	CUSTO TOTAL R\$	PREÇO UNIT R\$	CUSTO TOTAL R\$		
01.Arroz	2 kg	1,5	3,3829	5,0743	3,2229	4,8343	-4,7297	-0,1761
02.Açúcar	2 kg	1,5	2,5080	3,7620	2,3320	3,4980	-7,0175	-0,1938
03.Banana	kg	6,3	1,5133	9,5340	1,5717	9,9015	3,8546	0,2697
04.Banha	kg	0,9	4,3633	3,9270	4,3633	3,9270	0,0000	0,0000
05.Batata Inglesa	kg	6	1,7143	10,2857	1,7900	10,7400	4,4167	0,3334
06.Café Moído	500 g	1,2	4,7314	5,6777	5,1686	6,2023	9,2391	0,3850
07.Carne Bovina	kg	6,6	5,7658	38,0545	5,7000	37,6200	-1,1418	-0,3189
08.Farinha Trigo	kg	1,5	1,2589	1,8883	1,2629	1,8943	0,3152	0,0044
09.Feijão Preto	kg	4,5	2,5383	11,4225	2,6300	11,8350	3,6113	0,3027
11.Leite Natural	l	7,5	1,4243	10,6821	1,3771	10,3286	-3,3099	-0,2595
10.Margarina	kg	0,75	1,2423	0,9317	1,2731	0,9548	2,4798	0,0170
12.Pão Francês	500 g	6	2,3217	13,9300	2,1600	12,9600	-6,9634	-0,7119
13.Tomate	kg	9	2,3429	21,0857	2,3825	21,4425	1,6921	0,2619
<b>CUSTO TOTAL</b>				<b>136,2556</b>		<b>136,1382</b>		<b>-0,0861</b>
<b>VARIAÇÃO</b>						<b>-0,0861</b>		

## A ECONOMIA POLÍTICA DA ECONOMIA BRASILEIRA.

André Carraro [acarraro@unisc.br](mailto:acarraro@unisc.br)

Sem dúvida alguma, um dos grandes recentes avanços da teoria econômica Neoclássica foi a incorporação de conceitos e premissas desenvolvidas pela escola chamada de Escolha Pública (Public Choice). No Brasil, o grande expoente desta escola é o professor da PUC-RJ, Jorge Vianna Monteiro, autor de diversos livros na área. O que o professor Jorge Monteiro faz é demonstrar como a política e a legislatura afetam o resultado econômico. Para alguns pesquisadores essa é a chamada Moderna Economia Política ou Economia Política Positiva. Lembro isso por que a conjuntura econômica no mês de maio foi paralisada, a partir do dia 16 de maio, com denúncias de corrupção em diversos setores do governo federal.

Olhando para o passado recente do mês de maio, podemos dividir este mês em duas metades quase iguais. Os primeiros 15 dias foram dedicados ao debate econômico, com os anúncios e projeções corriqueiras. Nos últimos 15 dias vivemos o surgimento de uma crise política no centro do governo. Em comum, não podemos deixar de negar, estão os tradicionais equívocos e os velhos acertos.

Vamos iniciar pelos acertos. Negando os pedidos de diversos representantes da indústria e comércio nacional, o Banco Central, no dia 18 de maio elevou pela 9ª vez consecutiva a taxa de juros básica da economia brasileira. A partir desse dia a taxa SELIC passou a ser cotada em 19,75%, reforçando mais uma vez o combate do Banco Central ao processo de pressão inflacionária. Pelo bem ou pelo mal, o Comitê de Política Monetária tem demonstrado uma convicção fora dos padrões para uma república latina. Isso quer dizer que de tanto elevar a taxa de juros, algum dia a inflação terá que começar a perder fôlego.

Com a manutenção da taxa de juros em um patamar elevado, o governo brasileiro tem garantido a entrada de dólares necessária para a manutenção do câmbio baixo. Nesse mês de maio, pela primeira vez desde abril de 2002, a taxa de câmbio esteve abaixo da casa dos R\$ 2,50 / US\$ 1,00. Por enquanto, a cotação valorizada do Real não tem prejudicado a balança comercial do país. Mesmo operando com um câmbio aproximadamente 30% valorizado, as exportações em 2005 estão 30% maiores que o valor exportado no ano passado. A manutenção desses resultados vem dando as condições necessárias para a não intervenção do Banco Central no mercado de câmbio.

Já o setor público consolidado (União, Estados, municípios e estatais) registrou em abril o maior superávit primário desde o início da série histórica do Banco Central, em 1991. A economia para o pagamento de juros da dívida chegou a R\$ 16,335 bilhões contra os R\$ 12,3 bilhões de março passado e os R\$ 11,901 bilhões de abril de 2004. A magnitude do superávit foi tal que permitiu cobrir os gastos com juros da dívida e contribuiu para uma nova redução da relação

dívida/PIB. Como os gastos com juros nominais no mês totalizaram R\$ 13,278 bilhões, portanto, abaixo do superávit primário, o governo obteve um superávit nominal — saldo entre receitas e despesas, considerados os gastos com juros — de R\$ 3,057 bilhões. Foi a primeira vez em um ano que saldo primário superou os gastos com juros.

O que parece ter perdido o fôlego foi o crescimento econômico. Dos prometidos 4% do início do ano, as projeções de maio já foram calibradas para menos. Os modelos mais otimistas estão apostando em 3%, enquanto o modelo mais pessimista já foca em 2,5%. E notem que nem chegamos a metade do ano.

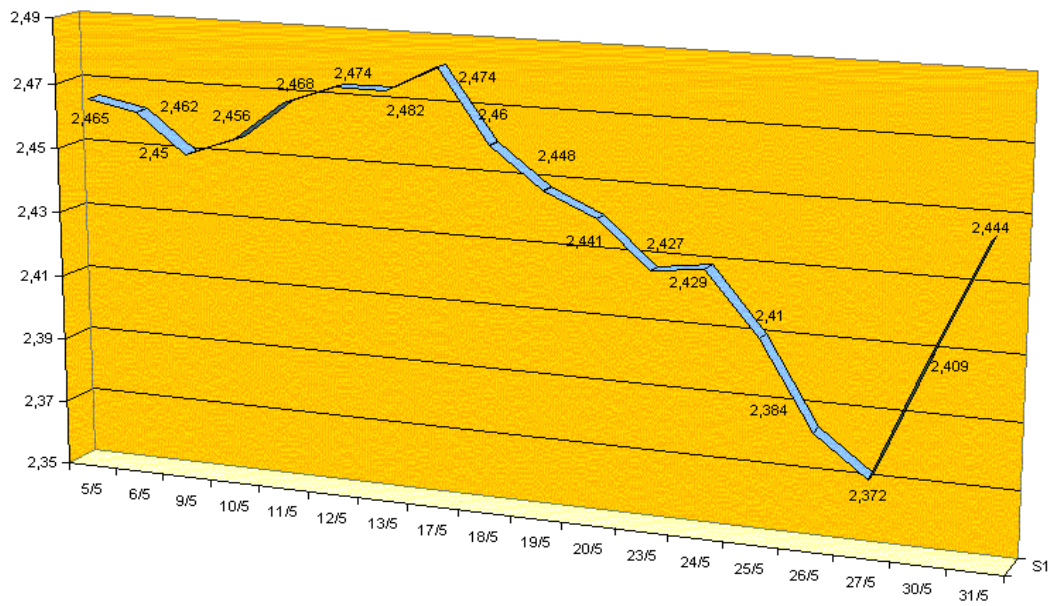
Os equívocos realizados no mês de maio repetem a falta de articulação e de proposta que caracteriza o governo federal. No entanto, o ingrediente acrescentado para azedar de vez o caldo foram as denúncias de corrupção que envolvem diversos órgãos federais. No lado do comércio exterior o governo apostou na criação de um bloco latino-árabe. O desenvolvimento do Mercosul, proposto pelo líder Lula, supõe que a etapa do Mercosul está superada, o que é um grande equívoco. A evolução para etapas maiores de integração econômica pressupõe que as etapas anteriores foram completadas. Ora, o Mercosul, até hoje, não é nem uma perfeita zona de livre comércio nem uma perfeita união aduaneira, muito menos um mercado comum. E o que fez o governo Lula? Cuidou de inventar uma integração mais ampla, a tal Cúpula Árabe. Mais ampla, mais inócua e mais absurda.

No lado da política interna, o governo Lula conviveu com denúncias de algum tipo de crime (seja fraude, desvio, corrupção política) que envolvem seu presidente do Banco Central, seu ministro da previdência social, na empresa estatal de Correios, no Instituto de Resseguros do Brasil e na compra de votos de políticos da base aliada. Ora, não é preciso ser cientista político para perceber que a base aliada está desmoronando. Sem base aliada, o governo Lula não terá sustentação política, já que, do total da base, apenas 20% são de políticos ligados ao PT. Vocês sabem melhor que eu que os políticos são agentes econômicos racionais. Eles sabem da necessidade de apoio e estão cobrando do governo um alto preço pela sua sustentação.

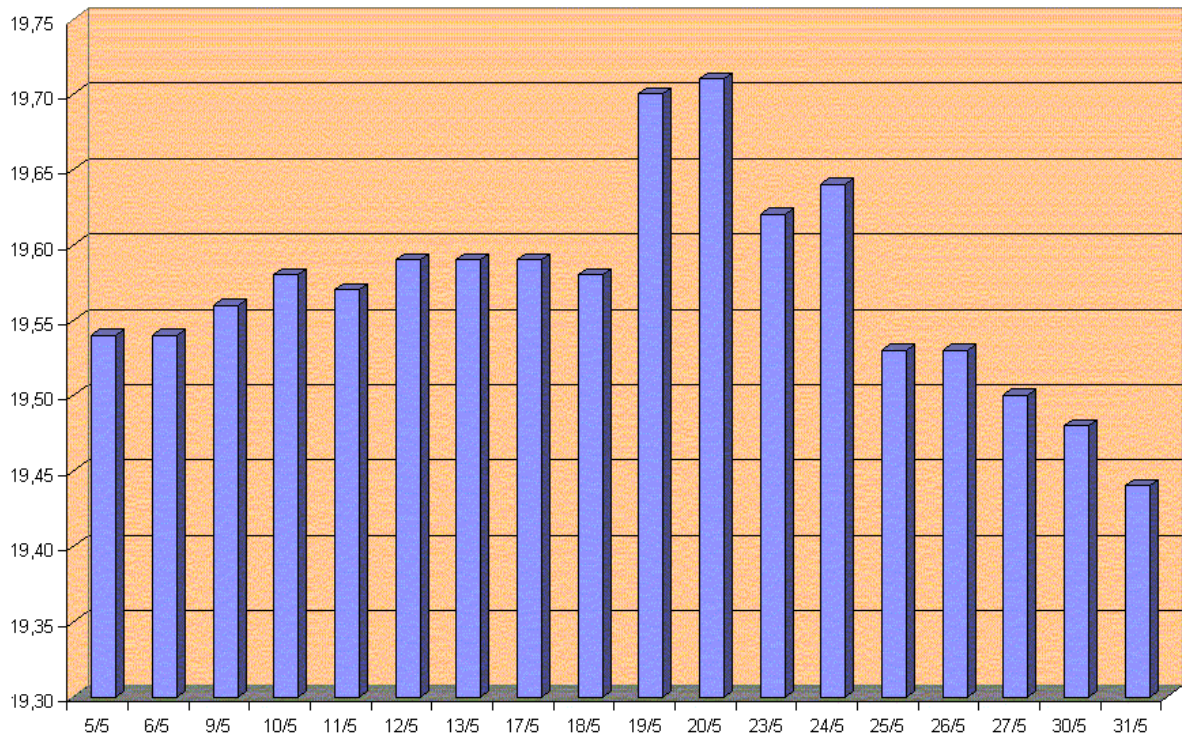
Como em uma crise cambial internacional, caso o governo federal fique sem reserva política, teremos a fuga dos políticos. No último caso verificado, a fala do presidente foi: “Não me deixem só”. Está na hora de acertar na política e ler mais os artigos do professor Jorge Vianna.



Desempenho do Câmbio (R\$/US\$)



Juros Futuro - Janeiro/2006



## CONJUNTURA ECONÔMICA DE JUNHO.

Fábio Mayrinck [fabiohenrique@ppge1.ppge.ufrgs.br](mailto:fabiohenrique@ppge1.ppge.ufrgs.br)

Crise! O mês de Junho inicia com uma conjuntura política e econômica crítica. A CPI dos Correios/Mensalão é indiscutivelmente a maior provação política do “1º mandato” do governo Lula. É altamente benéfico à democracia brasileira o surgimento de tal crise: o PT que sempre gostou de “se fazer de santo” e “chicotear” os demais partidos e políticos com sua pseudo-ética, transparência e honradez, demonstra ter seus podres como qualquer outro, afinal, mesmo que não se “prove” nada, sabemos que onde há fumaça, há fogo! Se considerarmos ainda e é bom não esquecermos, que o PT se pôs, inicialmente, contra a CPI e as investigações e, ouvindo a infeliz declaração do senador Mercadante de que a CPI é “coisa das elites”, ficamos ainda mais horrorizados. Justamente o PT, que sempre quis CPI pra tudo, se pôs contra uma CPI em seu governo!

Porém, desconsiderando as questões políticas e ideológicas, temos que os efeitos desta crise sobre a economia, ao que parece, ou são muito pequenos ou ainda não se fazem notar. No dia 07, dia em que o presidente Lula e o PT mudaram de estratégia e passaram a apoiar as investigações, o dólar subiu para R\$ 2,4632 (Ptax de venda), com uma alta de 0,53% e o Ibovespa caiu para 25.026 pontos, uma queda de 2,07%. Quem não tem memória curta sabe que o dólar permanece aviltado, ou seja, mesmo em plena crise a moeda brasileira continua firme e forte, bem como o Ibovespa – afinal, uma queda de 2% no índice de ações é algo perfeitamente normal e corriqueiro. Se olharmos o fluxo de remessas de dólares do Brasil para o estrangeiro (“fuga de capitais”), números esses ainda não liberados pelo Banco Central, certamente veremos que estamos na mais perfeita ordem.

Enfim, a crise política não afetou, pelo menos por enquanto, a economia. Isso só pode ser devido à boa política econômica seguida pelo governo Lula, uma política austera, consciente, responsável, realista, enfim, ortodoxa. Em plena crise não há expectativas de mudança na política econômica ou nos gestores da política – Henrique Meirelles, “Malocci” e cia. continuarão em seus cargos e a política de combate à inflação, ajuste das contas públicas e cumprimento dos acordos, metas e contratos permanece inalterada, reforçando a credibilidade da economia nacional e reduzindo, e muito, sua fragilidade a crises. Na carta de Março havia afirmado que o dólar se encareceria quando surgisse uma “crisezinha” por aí: por enquanto a crise dos Correios/Mensalão não parece ser uma crise suficientemente forte a ponto de valorizar o dólar, que hoje, em plena crise, está ainda mais barato do que em Março!. Em suma, se a problemática crise política ainda não afetou a economia, isso é fruto do excelente trabalho realizado pelo atual governo. Viva a credibilidade da política econômica do governo Lula (e olha que nem votei nele)!